

Águas Santas

A povoação dêste nome, do concelho da Maia, ao norte da cidade do Pôrto, na riba esquerda do rio Leça, tem a enobrecê-la a sua veneranda matriz.

Edifício modesto, sem exuberâncias de formas nem riquezas de arte, atrai contudo os espiritos curiosos, mercê da sua ancianidade flagrantemente revelada nas suas feições românicas. Pena é, porém, que os olhos sedentos de linhas virginais esbarrem com superfetações ignaras que empanam a congénita beleza.

Como é esta, infortunadamente, a norma dos monumentos portugueses, nem vale comentar.

Mas, apesar de humilhadas e escarnecidas, as suas sombrias pedras, melhor que os livros dos cronistas piedosos, por vezes incongruentes e fantasistas, proclamam uma existência oito vezes secular. E quem souber interrogar os seus burilados rudes, corroídos mas insofismáveis, disse adquire inteiro convencimento.

A fábrica antecede, certamente, a fundação da monarquia, e como tal tem sido considerada¹.

Afirma Santa Rosa de Viterbo² que o mosteiro existia com moradores no ano de 1120; que dez anos depois o povoaram cónegos regulares de Santo Agostinho com o seu prior; que mais tarde entram na posse dêle os cónegos do Santo Sepulcro (e não cavaleiros cuja existência entre nós nenhum documento prova) onde se intitulam do Templo e já em 1186 lá estavam; que, adjunto, houve também um mosteiro ou colegiada de cónegos (1309). Em 1551 achava-se extinto o mosteiro que foi convertido em comenda da Ordem de Malta.

A história de Águas Santas esbate-se na névoa da legenda, dando alguns escritores informações inverosímeis ou desarmónicas entre si³.

Sem traslados, pois, volvamos ao conspecto do edificio.

¹ *Subsidios para a classificação dos monumentos nacionais* (publicação do extinto conselho dos monumentos nacionais), Lisboa 1904.

² *Elucidário*, t. II, voc «Sepulcro».

³ Vid. *Memórias da ordem militar de S. João de Malta*, por Frei Lucas de Santa Catarina, Lisboa 1734.

História da Ordem do Hospital, hoje de Malta, por José Anastácio de Figueiredo Ribeiro, Lisboa 1793.

Nova história militar de Malta, por José Anastácio de Figueiredo, Lisboa 1800.



Do convento, situado ao sul do templo, não há sobrevivências¹, tendo desaparecido o que restava e que servia de aposentadoria ao último comendador D. João Maria de Abreu Lima, com a venda realizada após a extinção das ordens religiosas².

O templo assenta a meia encosta do monte Caverneira, que alastra o seu empolado dorso de granito através do povoado³; pela ilharga e frente corre-lhe a estrada, que corrigindo o antigo e tortuoso terreno, fez desaparecer um elevado escadório, que conduzia ao limiar. O horizonte que daqui se disfruta é largo e desafogado, com manchas alvejantes de casario surgindo de entre a vegetação opulenta e variada. O lugar do mosteiro oferecia antes do lançamento da estrada uma pitoresca rudeza, semeado de enormes pedregulhos bojantes, alguns miraculosamente equilibrados na pendente (fig. 1).



Fig. 1

Pelo seu isolamento no adro, a fábrica patenteia, desabafadamente, as modestas galas exteriores.

Na frontaria, prende-nos de preferência, o portal. Sobresai bem, apesar duns pavorosos degraus que lhe alteram a escala, tapando as bases das colunas; estas, em número de quatro, sustentam arcos em cintro quebrado, cujas arquivoltas são de um notável vigor decorativo. As colunas, lisas, mostram capitéis cúbicos ornados com fôlhas de acanto e lodão.

A janela quadrangular tomou o pouso dum óculo discreto, como o atesta um pequeno encurvamento do friso do frontão, em cuja cúspide uma cruz de Cristo assenta.

¹ Impressões históricas, geográficas e outras raridades da freguesia de Águas Santas, pelo Dr. Joaquim Moutinho dos Santos, Pôrto 1871.

² Um trecho de parede, de sólida silharia, está engravado no andar térreo do vizinho prédio da Quinta da Comenda, onde, ainda, um pequeno alpendre exhibe no fôrro o brasão de um dos comendatários.

³ Nas *Enquerições tiradas em tempo delrey Dom Affonso Conde de Bollonha* vem referido o *Monasterii Aquarum Sanctarum, quod est Dominy Regis*, e que, então, paroquiava os povos de Parada (onde se ergue), Pedroços, Ardagaães e Revordãos. In *Corpus Codicum latinorum et portvgalensium eorum qui in Archivo Municipali Portvgalensi asservantur*, etc. Portvgale MDCCLXXI, vol. 1, fasc. II.

Coalescente, ao Norte, a tórre alça as suas paredes robustas¹ com um remate dentado assente em modilhões, acima do qual se ergue uma deplorável cúpula de tégolo.

A porta lateral desta ala está intacta: é airosa e mostra duas colunas por banda, com ornamentação de folhagens e vergõteas.

Superiormente, apresenta dois pares de cachorros para uma alpendrada.

Sustenta a cornija do alçado uma fiada de modilhões, variados, onde há algumas dessas características e enigmáticas figuras da decoração medieval².

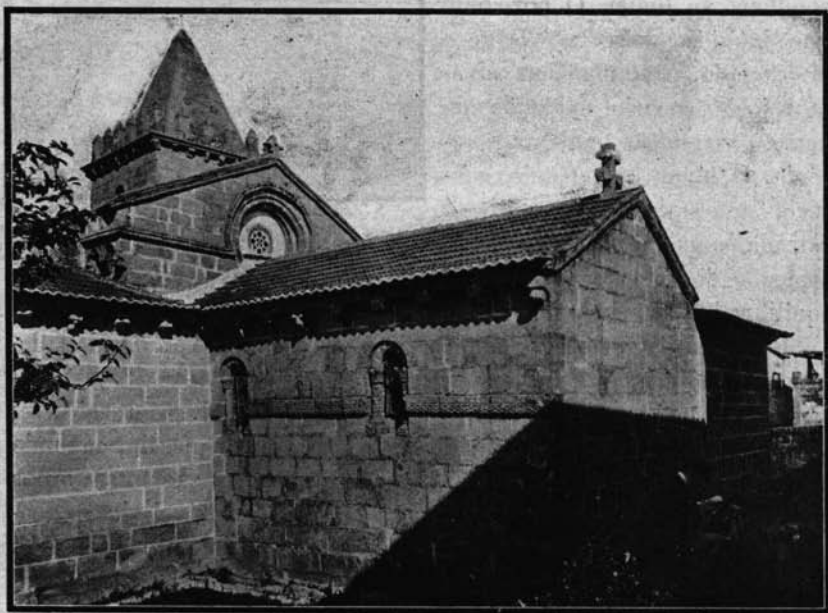


Fig. 2

O absídiolo correspondente a esta nave e único na fábrica, que possuía só a colateral norte, acha-se oculto à vista exterior por uma construção apensa que serve de sacristia; em hemicíclo, com pilastras e cachorros belamente esculpidos, acha-se mutilado e revestido de cal (fig. 2).

¹ Parte dela derruiu em 1755, por ocasião do terremoto.

² Numa delas vê o povo do lugar, um mouro. «Era reitor da freguesia Francisco Pinto, a quem me dirigi e perguntei—¿Padre, quem erigiu êste templo e fundou o mosteiro de Águas Santas? Respondeu-me como vulgarmente se dizia: os mouros». J. Moutinho dos Santos, *obr. cit.*

A capela-mor, de projecção rectangular é pouco elevada e apresenta silhares siglados. Notabilizam-na as janelas voltadas ao meio-dia, pequenas e gráceis: cintradas, são constituídas por um toro espesso descansando em esbeltos colunelos; este motivo ornamental repete-se do lado interno, mas em escala um pouco ampliada, pela conicidade do intradorso.

Os lavores, duma acentuada feição mosarábica, patenteiam bem a influência do mesteiral árabe na nossa architectura da época.

A quasi meia altura das janelas, uma faixa axadrezada longitudinal completa a harmonia do adôrno.



Fig. 3

Sob ela, junto da janela do canto acha-se gravada uma inscrição cuja leitura, é a seguinte, segundo a lição do eminente antiquário Sr. Pedro de Azevedo:

E MCC^o VI
MIRAN MARTIŪZ

Como a era de 1206 corresponde ao ano de Cristo de 1168, podemos tomar esta data como a de alguma obra, na qual interviesse um personagem cujo nome¹ por este meio chegou até nós.

¹ Elucida o mesmo erudito Sr. que o nome *Mirão* é muito raro neste período e deve ser de origem germânica.

Para concluirmos o que de arcaico se nos mostra exteriormente, atentemos na nave principal (fig. 3).

Pouco erguida acima da sua singular colateral, quasi toca o telhado desta com o entablamento recortado do seu muro; na testa abre-se um óculo circular, em cuja empena sul uns parcos mas interessantes ornatos evidenciam o disparate do acréscimo da nova nave, coroada em parte de fantasmagóricas ameias, por onde foram espalhados os modilhões abatidos à mistura com outros novos.

Nas duas cúspides há cruces alçadas: uma de duplos braços¹ (ábside), outra estilizada (nave maior).

Penetremos no templo pela porta setentrional.

Logo se nos deparam uns barrotes desgraciosos, prudentemente erguidos até o arco fronteiro como um apoio indispensável à sua estabilidade. Fácil é suspeitar algum «melhoramento» desaforado.

Efectivamente; uma lápide marmórea, adiante, esclarece:

¡A primordial fundação desta igreja de tam gloriosas recordações perde-se em a noite do passado!

Reedificada pelos anos de 1097, só tinha a nave do norte em dois arcos ogivais.

Sendo seu pároco António da Ascensão e Oliveira, em 1874, os arcos



Fig 4

converteram-se em um só, a tósca coluna que os sustentava ao meio foi tirada e fez-se esta nave do sul.

Aqui se resume a história vandálica do monumento, perpetuada por quem directamente nela interveio.

Sem que qualquer brado de defesa surgisse, a obra daninha teve lugar.

¡Como um labeu ignominioso desta malfadada reforma, ficou o

¹ A cruz da ordem militar do Santo Sepulcro tinha dois braços em forma de Patriarcal. *Nova história da ordem de Malta*, ob. cit. parte 1, p. 45.

No *Tratado de Armaria*, do Sr. J. A. Correia Leite Ribeiro, Lisboa 1907, uma cruz semelhante «duplicadas as duas astes transversais, sendo a sobposta mais extensa que a superior», vem citada como pertencendo aos Templários.

Como foi dito, Viterbo afirma que os cónegos do Santo Sepulcro, em Águas Santas, se intitulavam do Templo, negando porém a existência dos cavaleiros da mesma Ordem.

novo arco, um sarapanel mal lançado, ziguezagueante, incapaz de merecer confiança sem o recurso dum amparo!

Por explicação de quem conheceu a igreja antes de adulterada, a *tôscia coluna* era uma pilastra espessa na qual se embebiam duas colunas¹ que sustentavam as recaídas próximas dos arcos ogivantes.

Esta arcada defrontava a dependência monástica.

Apesar dos vilipêndios, o interior mantém, afortunadamente, sugestivos e atraentes enfeites.

Vêem-se vários capitéis historiados, com motivos zoomórficos e imaginativos, (fig. 4) aliados a elementos flóricos: quatro molossos em um deles, numa disposição decorativa deveras curiosa (arco triunfal), duas sereias noutro (antigo arco, deslocado), um pequeno peixe noutro, ainda (antigo arco, primitiva situação).

Do lado do Evangelho, as janelas da capela-mor estão furtadas à vista por um incompreensível enchimento de argamassa.

Os muros são de bons silhares e sustentam tetos de madeira, em três planos.

Na igreja descansa um sarcófago de granito, onde se lê²:

I^oANE DE PARADA

ESTA: SEPVLTURA E PER³

Os caracteres do epitáfio parece remontarem ao séc. XIV. Num dos extremos está esculpida uma cruz grega. Devia ter encerrado as cinzas de algum senhor grado da localidade, da qual tinha tomado o apelido.

Embora lhe não falem atributos, o templo de Águas Santas está ainda sem ser classificado como monumento nacional, o que a razão impõe se faça para obstar a possíveis agressões.

Pôrto, Setembro de 1915:

PEDRO VITORINO.

¹ Os seus capitéis ainda existem engastados na nova construção, a par de outros imitativos.

² Ainda na autorizada opinião do Sr. Pedro de Azevedo, a quem recorri e por cujo benévolo acolhimento aqui testemunho a minha gratidão.

³ Estas duas últimas palavras *E PERpetua*, são no dizer do Sr. Azevedo coniecturais.